
A indústria em 1995 e suas perspectivas

*Dagoberto Lima Godoy**

A tônica do desempenho econômico no ano que passou foi, sem dúvida, o duro processo de ajustamento imposto às empresas pela política de estabilização e pelos eventos no plano internacional que se sucederam à eclosão da crise mexicana. O ajuste no plano econômico foi particularmente dramático, na medida em que 1995 foi tipicamente o ano dos extremos, ao longo do qual se passou da expansão extremamente rápida no primeiro trimestre para a rápida desaceleração da atividade industrial no segundo semestre.

Nessa conjugação de circunstâncias desfavoráveis, em que houve a superposição de juros absurdamente elevados, absoluta escassez de crédito e defasagem cambial, era natural que a adaptação do setor produtivo aos novos tempos fosse traumática, especialmente ao nível das pequenas e médias empresas. E foi justamente o que ocorreu, determinando, com isso, uma perigosa fragilização financeira do setor produtivo. Esse fato é, em nosso entendimento, uma herança extremamente preocupante com a qual teremos que conviver e superá-la no futuro.

À semelhança do que se verificou ao nível nacional, também a economia gaúcha apresentou dois semestres nitidamente distintos, passando da euforia do primeiro trimestre à preocupação do final do ano. Assim, o crescimento do nosso PIB, que, segundo as estimativas de nossos técnicos, foi da ordem de 3,2% no ano, acabou parecendo um resultado melhor do que se poderia esperar diante dos resultados desapontadores do segundo semestre.

* Presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul.

A indústria do Rio Grande do Sul, apesar de diretamente afetada, como nos disse o Ministro José Serra, pela “tríplice tesoura dos juros, câmbio e crise agrícola”, ainda assim contribuiu positivamente para o crescimento da renda estadual. Nossas estimativas preliminares indicam que nosso setor industrial apresentou um crescimento de 1,6% em relação a 1994; e a decomposição desse desempenho por subsetores pode ser vista na Tabela 1.

Tabela 1

Taxas de crescimento do PIB industrial do RS — 1995

(%)

DISCRIMINAÇÃO	1º TRI- MESTRE	2º TRI- MESTRE	3º TRI- MESTRE	4º TRI- MESTRE	NO ANO
Extrativa mineral	-2,88	14,74	9,93	20,65	10,39
Transformação	9,48	3,94	-2,91	-4,63	1,27
Construção civil	12,60	18,20	-1,70	0,80	0,82
Serviços industriais de utilidade pública	8,28	7,74	7,35	9,76	7,13
Total	9,40	5,31	-2,16	-3,17	1,66

FONTE: FIERGS/NEST.
SINDUSCON-RS.

NOTA: Dados estimados.

Evidentemente, é importante ressaltar que o crescimento verificado em 1995 tanto ao nível do PIB em geral quanto da indústria de transformação em particular é, na verdade, um resultado típico do que temos qualificado de “ilusão das médias”. Isto porque a “parte positiva” desse desempenho esteve basicamente restrita aos primeiros meses do ano, enquanto a parte pior é a que nos acompanha no final do ano. Assim, a imagem mais precisa

da evolução da economia gaúcha durante o ano de 1995 é a de uma curva de descenso contínua desde o segundo até o último trimestre.

Tabela 2

Taxas de crescimento do PIB total do RS — 1995

DISCRIMINAÇÃO					
	1º TRI- MESTRE	2º TRI- MESTRE	3º TRI- MESTRE	4º TRI- MESTRE	NO ANO
Agropecuária	12,58	7,74	7,16	-8,76	4,01
Indústria	9,40	5,31	-2,16	-3,17	1,66
Serviços	13,56	7,96	0,99	-5,91	4,03
Total	12,01	7,03	0,78	-5,38	3,22

FONTE: FIERGS/NEST.

NOTA: Dados estimados.

No âmbito da área de transformação propriamente dita — que é o setor mais importante de nosso parque industrial em termos de geração de renda e emprego —, o desempenho positivo foi determinado em grande parte pelo significativo aquecimento, até a primeira metade do ano, de segmentos específicos, tais como petroquímica, embalagens, autopeças e a área metal-mecânica de modo geral. De outra parte, é importante também ressaltar a contribuição expressiva apresentada pelos chamados bens de consumo popular — alimentos, produtos de higiene pessoal, etc. —, cujo bom desempenho decorrente da significativa elevação dos salários reais se verificou durante todo o ano de 1995.

A decomposição do desempenho da indústria de transformação em termos de produção física — Índice de Produção Física (IPF-RS) — e geração

de renda e valor adicionado — Índice de Desempenho Industrial (IDI-RS) — são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Desempenho da indústria de transformação no RS — 1995

DISCRIMINAÇÃO	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)	
	IPF-RS	IDI-RS
Metalúrgica	7,89	11,07
Mecânica	-8,98	-9,37
Máquinas agrícolas	-23,12	-23,69
Material elétrico e de comunicações	12,61	16,94
Material de transporte	-1,73	1,81
Madeira	-0,25	8,86
Mobiliário	-1,12	3,25
Borracha	0,81	9,54
Química	0,53	1,56
Têxtil	7,27	9,02
Vestuário	6,67	11,15
Couros e peles	-6,41	-2,65
Calçados	8,14	11,68
Produtos alimentares	5,56	11,50
Bebidas	11,31	16,21
Vinhos	2,41	-1,31
Editorial e gráfica	25,18	22,40
Total geral	1,27	4,02

FONTE: FIERGS/NEST.

Um fato que nos parece extremamente importante de destacar tem a ver justamente com a relativa divergência apresentada pelos nossos indicadores referentes à produção e à geração de valor adicionado. Essa diferença de comportamento foi determinada, em grande medida, em função do expressivo crescimento acumulado dos salários reais na indústria de transformação estadual,

como pode ser visto através da decomposição das variáveis que compõem o Índice de Desempenho Industrial.

Tabela 4

Índice do desempenho industrial no RS — 1995

DISCRIMINAÇÃO	Δ% ACUMULADA NO ANO
Vendas	1,31
Compras	-4,20
Salário médio	16,42
Horas trabalhadas	-1,97
Utilização da capacidade instalada	-0,54
IDI-RS	4,02

FONTE: FIERGS/NEST.

Os dois principais fatores responsáveis pelo crescimento dos salários reais foram, de um lado, os ganhos de produtividade que estão ocorrendo como decorrência da abertura da economia e do próprio programa de estabilização e, de outro, o efeito dos acordos salariais firmados nos dissídios ocorridos ainda no final de 1994. Tais acordos refletiam expectativas de continuidade da inflação que, felizmente, não se materializaram, mas que, não obstante, deixaram suas seqüelas.

Parece-nos, portanto, que a imagem mais apropriada para representar a conjuntura extremamente desfavorável enfrentada pelo nosso setor industrial seria a de uma manopla de aço, cujas garras representadas por taxas de juros absurdamente altas, defasagem cambial, crise agrícola, crescimento dos salários reais acima da produtividade e a elevação real da carga tributária (federal e estadual) impuseram um fantástico torniquete às empresas privadas, virtualmente eliminando suas margens e comprometendo sua sobrevivência futura.

Como se não bastasse, além desses fatores negativos que vêm progressivamente fragilizando nosso setor produtivo, há ainda algo mais preocupante que não pode ser eliminado a curto prazo. Trata-se das adversidades que envolvem atualmente as nossas empresas para enfrentarem a abertura da

economia nacional. Operando em um ambiente caracterizado por fantásticas ineficiências no âmbito da infra-estrutura de serviços públicos e na teia de regulamentações institucionais — o chamado Custo Brasil —, têm ainda a suportar as práticas desleais de comércio, contra as quais ainda não desenvolvemos as defesas disponíveis nos países mais experimentados.

Todas essas circunstâncias desfavoráveis que hoje afetam nossa economia não nos permitem ser totalmente otimistas quanto às perspectivas para 1996, pelo menos no que concerne ao seu primeiro semestre. Aachamos que, por todas as razões já citadas, teremos um começo muito difícil. Já tivemos oportunidade de referir, em outra ocasião, a expectativa de um “verão infernal”, caracterizado por uma significativa queda da produção e do emprego industrial.

Entretanto essa imagem não foi feliz, pois, como anuncia Dante Allighieri, no inferno não há lugar para esperança. E nós, empresários, incorrigivelmente otimistas por natureza, mantemos a esperança de que as reformas no âmbito do setor público venham, afinal, a ser implementadas e, para isso, engajaremos todos os nossos esforços. Não temos dúvida de que, se o processo de modernização do País tiver sucesso, a retomada do crescimento econômico virá mais cedo até do que poderíamos imaginar a partir das experiências deste ano que passou.